

TELEVISÃO UNIVERSITÁRIA E CIDADANIA: UMA ANÁLISE DA IMPLANTAÇÃO DA TV UESC

Betânia Maria Vilas Bôas Barreto¹

Rita Virgínia Argollo²

Resumo: A construção educativa do conhecimento e da cidadania, inserida numa televisão universitária, é a discussão trazida por este projeto de extensão. A proposta de uma interrelação entre comunicação e educação, dentro do contexto audiovisual, remete à experimentação e ao pluralismo televisuais. As diversas abordagens e construções de sentido dos enunciados televisivos deixam clara a necessidade de uma análise sobre o papel social do veículo televisivo para a informação e a formação dos receptores, em um processo que a transmissão de informações esteja associado à construção da cidadania. Assim, relata-se aqui a experiência da TV UESC, projeto de televisão universitária desenvolvido por professores e alunos do curso de Comunicação Social, habilitação em Rádio e TV, da Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus, Bahia, relacionando sua estruturação, linguagem e a percepção de seu público.

Palavras-chave: TV universitária. Cidadania. Recepção.

Abstract: *The educative construction of the knowledge and of the citizenship, inserted in a university television, is the discussion brought by this project of extension. The proposal of an interface between communication and education, inside the audiovisual context sends to the experimentation and to the pluralism in the television production. Several approaches and constructions of sense of expressed television leave the necessity of an analysis clear on the social paper of the television vehicle for the information and the formation of the receivers, in a process that the transmission of informations is associated to the formation of citizenship. So, there is reported here the experience of the TV UESC, project of university television developed by professors and pupils of the course of Comunicação Social, competence in Radio and TV, of the*

1 Jornalista, especialista em Comunicação Educacional, mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, professora de Oficina de Vídeo e Oficina de Vídeo Educativo na UESC e coordenadora do projeto de extensão TV UESC, bete_vilas@hotmail.com.

2 Jornalista, especialista em História Regional, mestre em Educação, doutoranda em Educação, professora de Produção, Direção e Edição em TV e coordenadora do projeto de extensão TV UESC, rvargollo@yahoo.com.br.

Universidade Estadual de Santa Cruz, in Ilhéus, Bahia, making a list of his structuring, language and the perception of his public.

Keywords: *University TV. Citizenship. Reception.*

Pensando uma TV Universitária

A construção do conhecimento, por meio de uma televisão universitária, perpassa por abordagens inerentes à interrelação entre a comunicação e a educação. Estas duas áreas aparecem como pilares de uma intersecção entre elementos que trabalham com a transmissão e recepção de mensagens, ideias e enunciados televisivos que devem ser analisados. Perceber o papel formador da televisão torna-se importante diante de sua complexidade social na contemporaneidade.

É comum afirmar a penetração massiva da TV na vida cotidiana dos indivíduos. Por ela milhares de pessoas se informam, se divertem e adquirem conhecimentos sobre os mais diferentes assuntos. Para Duarte (2004), a comunicação ocorre no interior das sociedades e no seu intercâmbio com outras culturas, numa integração dada pela multiplicidade social. Assim, os dispositivos televisuais são “capazes de apresentar a um número cada vez maior de telespectadores os múltiplos aspectos da vida social, sendo responsáveis pelo surgimento de novas sensibilidades, éticas e estéticas” (DUARTE, 2004, p. 68-69).

Baccega (2000) lembra que é fundamental que haja uma reelaboração do que é dado pelos meios, levantando possibilidades para quem recebe as mensagens, de construir novos reconhecimentos e entendimentos do que é transmitido.

Para tanto, o conhecimento prevê a construção de uma visão que totalize os fatos, inter-relacionando todas as esferas da sociedade, percebendo que o que está acontecendo em

cada uma delas é resultado da dinâmica que faz com que todas interajam, de acordo com as possibilidades daquela formação social, naquele momento histórico; permite perceber, enfim, que os diversos fenômenos da vida social estabelecem suas relações tendo como referência a sociedade como um todo (BACCEGA, 2000, p. 106).

Este papel mediador de construção de sentidos é uma das bases de orientação na concepção de uma televisão voltada mais para o receptor-educando – como sujeito do processo de elaboração e emissão de mensagens – do que apenas um interlocutor passivo, amorfo, que apenas recebe os enunciados. Entendemos, como Pena (2002), que isto passa pela articulação de uma TV que se comprometa com ideais como democracia, diversidade e pluralismo, através da experimentação de linguagens e conteúdos. Para o autor, este é o papel da TV universitária.

Criadas a partir do inciso I do artigo 23 da lei no 8.977, de 6 de janeiro de 1995, que dispõe sobre o serviço de TV a cabo, as tevês universitárias são o lugar ideal para a experimentação. O lugar ideal para uma rediscussão ética e estética do veículo, que, em última análise, possibilite uma participação democrática da sociedade e promova a cidadania (PENA, 2002, p. 43).

Não se pode pensar apenas num conteúdo que informe algo, que forme opinião, mas que também atraia o público receptor, o envolva e o identifique. Defender a pluralidade é fundamental para que seja possível disseminar discussões sobre a cidadania na TV universitária. É uma linguagem que esteja em sintonia com as expectativas do público do canal concretiza essa pluralidade. “Acreditamos que essa proposta pode melhorar a eficácia da mensagem, ou seja, ajudar a incrementar as próprias discussões sobre a formação do cidadão” (PENA, 2002, p. 45).

Formar cidadãos capacitados criticamente é outro fator que está na base da discussão

sobre a estruturação de um meio televisivo na realidade acadêmica. Como reforça Fisher (2002), o olhar criterioso sobre a TV leva a um trabalho necessário de tentar “ultrapassar as chamadas evidências, a ir além do que nos é dado ver de imediato. Significa também assumir que sempre olhamos de algum lugar, a partir de um ponto de vista intuído, exercitado ou aprendido” (FISHER, 2002, p. 10).

Concordamos também com Bentes (1998), quando diz que a universidade assume, neste sentido, um papel importante na contribuição para a transformação social, como formadora de opinião. A universidade precisa “mais do que nunca, assumir sua função de formadora - não de mão-de-obra especializada para o mercado, isso qualquer curso técnico pode fazer em poucos meses - mas formar analistas simbólicos, pessoas, cidadãos” (BENTES, 1998, p. 4).

Este cidadão é o receptor desta televisão dentro da universidade. Ampliando a discussão do assunto, Barros (1997) aponta para a importância do receptor como sujeito atuante que “olha” o que recebe como mensagem e reelabora seu conteúdo. Para ele, “algumas correntes educacionais e comunicativas veem o educando e o receptor como participantes ativos no processo de comunicação e não como meros receptáculos de informações” e que, neste sentido, “é preciso compreender o caráter dialógico da comunicação, dando mais ênfase ao receptor como sujeito que participa do processo de comunicação”. E complementa dizendo que “ao trazermos a participação do receptor no plano da fruição, da posse de seu saber, ele também acaba criando, atribuindo novas significações, sentidos para as mensagens que está recebendo” (BARROS, 1997).

Assim, a construção de um aparato discursivo televisivo dentro da perspectiva educativa precisa pensar num projeto que contemple as expectativas do seu público - este receptor-educando, formador de opinião e agente de seu conhecimento - e de sua fruição, numa simbiose

entre o saber acadêmico e o entretenimento. Pena (2002) assume esta ideia quando alerta para a sacralização do termo “universitário”.

A tendência de estabelecer uma nova divisão entre alta e baixa cultura no que é veiculado em sua programação pode ser incentivada por uma suposta sacralização do termo “universitário”, vinculando-o a uma ideia anacrônica de iluminação. Para evitar este deslize, talvez seja viável propor uma vocação pluralista para o veículo, uma nova sensibilidade, que, conforme descreve Susan Sontag, seja “voltada ao mesmo tempo para uma torturante seriedade e para o divertimento, a ironia e a nostalgia.” Um direcionamento para o “inclusive” e não para o “exclusive” (PENA, 2002, p. 42).

Este, inclusive, aponta para a proposta de experimentação estética e conteudística no meio, principalmente para atrair o receptor com elaborações inovadoras, convergência de linguagens, numa responsabilidade social que passa pela valorização da cultura e da história regional, dos diversos saberes no âmbito acadêmico, da diversidade e das interconexões de vozes. Na discussão dos mais variados temas, estando sempre próximo ao seu público, é “preciso reduzir a esfera da banalidade e trabalhar com a superfície no âmbito da profundidade, conduzindo o espectador à simbiose entre a seriedade e a jocosidade, o prazer e a obrigação, o apolíneo e o dionisíaco (para ser um pouco nostálgico)” (PENA, 2002, p. 43).

Desta forma, o processo de interlocução entre emissores e receptores de mensagens concretiza-se no sentido de igualdade e equilíbrio. Finalizando, segundo Barros (1997), cabe ao comunicador “a valorização do ser humano que está na condição de receptor e o investimento em sua formação crítica. Ele precisa “incorporar a faceta educativa de sua atividade, dentro de uma ética e estética da recepção”. E ao receptor cabe “escolher que postura tomar: passiva e acrítica, ou participativa e crítica”. Neste

encontro de saberes e aprendizados, ocorre a concretização de uma comunicação realmente educativa, participativa, plural e democrática.

A televisão universitária e o direito à cidadania

O termo “cidadania” foi usado na Roma antiga, referindo-se à situação política do indivíduo e ao exercício dos seus direitos. Seguindo um conceito contemporâneo, optamos pela perspectiva de Dallari (1998), que entende que:

A cidadania expressa um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social (DALLARI, 1998, p. 14).

Para tanto, o presidente Fernando Henrique Cardoso sancionou a Lei 9.265 /96, que regulamenta o inciso LXXVII, do art. 5º, da Constituição da República Federativa do Brasil, de 05/10/1988, dispondo sobre a gratuidade dos atos necessários ao exercício da cidadania. Entendemos que, no caso das televisões, por se tratar de concessão pública e ainda por levar aos lares informação, entretenimento e propaganda, esta programação tem por obrigação legal o cunho voltado para a formação ampla do cidadão, encaixando-se, portanto, no que dispõe a Lei 9.265/96.

Também da Constituição de 1988, destacamos o TÍTULO VIII, Capítulo V, “Da Comunicação Social”, no seu Art. 221, onde está claro que a produção das emissoras de rádio e televisão atenderá aos seguintes princípios:

I – preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;

II – promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;

III – regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;

IV – respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

Se a formação da cidadania é a contribuição para que o povo participe ativamente da vida política do meio em que está inserido, se este é um direito assegurado pela lei máxima do país e, ainda, se esta temática deveria estar na base das televisões brasileiras, nada mais óbvio que uma TV que se propõe a ser universitária – levando em consideração o que já foi discutido a respeito no espaço deste artigo -, regional e experimental assumindo uma perspectiva de contribuir para a transformação regional, para a reflexão, para a inserção na sua programação das falas dos diversos segmentos sociais – excluídos ou não da grande mídia. Uma TV que tenha na sua ótica um prisma amplo, de independência e promoção social.

TV UESC: a experimentação

A ideia inicial era criar um projeto de extensão que pudesse servir de apoio para o fluxo de informações dentro da Universidade, que contribuísse para o diálogo entre docentes, discentes e servidores. O processo de implantação começou em 2004, envolvendo professores e alunos do Curso de Comunicação Social (RTV) da UESC. São, no total, oito bolsistas que atuam nas funções de produtor, repórter, apresentador, vídeo-repórter e editor de imagem. A supervisão é feita por professores-coordenadores.

No primeiro momento, priorizou-se o treinamento da equipe, uma vez que os alunos que entram no projeto quase nunca têm experiên-

cia anterior em televisão. Era preciso – e esse é sempre o grande desafio – fazer com que jovens estudantes, aspirantes a uma carreira na área, compreendessem a “gramática das condições de produção televisiva” (DUARTE, 2004, p. 15). O passo seguinte foi a definição de uma grade de programação básica que atendesse às necessidades do público-alvo. Necessitava-se, naquele instante, identificar as diretrizes do projeto e, a partir dali, o que poderia ser considerado como valor-notícia (TRAQUINA, 2005, p. 63) para aquela comunidade.

Chegou-se então ao consenso de que seria necessário pontuar algumas notícias factuais – mas como não havia ainda uma rotina de produção e exibição, esse tipo de informação não seria priorizada, por conta da instantaneidade. Optou-se por uma agenda, em selo³, pontuando os eventos da semana na Instituição. Ficou definida a criação do programa *Universus*, um produto diário, com duração média de quinze minutos, composto por quadros que se alternam a cada edição. O *Varal*, onde são exibidos os trabalhos em vídeo elaborados pelos alunos do Curso de Comunicação, é o único quadro fixo.

Para dar voz a cada um dos cursos, foi criado o *Unidiversidade*. É um espaço onde os alunos, coordenadores de Colegiado e diretores de Departamento são ouvidos. Mostra-se o que é o curso, como funciona, os laboratórios que tem, as atividades realizadas, os projetos. Segue um formato telejornalístico formal. O *Entre Aspas* é um povo-fala⁴ com a comunidade acadêmica, fazendo críticas, dando sugestões. A ideia é proporcionar dinâmica ao programa. O *Eureka* apresenta novos conhecimentos a partir de publicações, mestrados e doutorados. É uma reportagem solta, onde o repórter é enquadrado – aparecendo no vídeo – conversando com o entrevistado, como em um bate-papo, sobre a descoberta em questão.

3 Quando as informações são narradas em off pelo apresentador e no vídeo os dados aparecem em caracteres.

4 Entrevistas curtas, muitas vezes com uma ou duas frases.

O *Trampo* busca mostrar um pouco da realidade profissional para o aluno. O vídeo-repórter vai até o local de trabalho/estágio de um estudante da UESC e narra sua percepção sobre determinada profissão, comenta, analisa, tenta explicar como é a prática naquela área. Já o *Palavras Cruzadas* mostra uma roda de discussões sobre assuntos atuais entre diferentes alunos de diferentes cursos. Participam também professores ou especialistas do tema. É gravado com duas câmeras e o repórter atua como mediador do debate. E o *Porta-Retrato* é um espaço para divulgar artistas, produções culturais, talentos da comunidade acadêmica. Nesse quadro, o repórter não aparece, o entrevistado usa microfone de lapela e apresenta o que sabe fazer de forma leve, quando é possível; a edição tipo videoclipe é valorizada.

As exibições são feitas por meio de monitores de TV instalados nos pontos do *campus* onde há maior circulação de pessoas (restaurante, cantinas e biblioteca – este último ainda não está em funcionamento). São respeitados, também, os horários de maior fluxo.

Atualmente passa-se pelo processo de cabeamento, para melhorar a exibição interna. Uma parceria de cooperação com a Fundação Roberto Marinho (Canal Futura) permitiu alguns benefícios à TV UESC. A instituição oferece *know how* para efetivar-se o processo de implantação – a meta agora é a regulamentação para que se possa transmitir a programação também para a comunidade regional.

Esta parceria permite o treinamento de professores e a participação de alunos da instituição – e do Projeto – no “Geração Futura”⁵. Reportagens realizadas pela equipe da TV UESC são veiculadas em nível nacional no *Jornal do Futura* e no programa *Sala de Notícias*, ambos do Canal Futura. Com o aumento da demanda de trabalho, começa-se a organizar a equipe de acordo com a estrutura de uma televisão.

5 Programa de treinamento realizado pelo Canal Futura com alunos de Comunicação Social de universidades parceiras.

A opinião de quem assiste

Completamos, no mês de julho de 2007, um ano de exibição do *Universus*. Por uma série de razões, ainda existem dificuldades com a logística diária: o desenrolar das ações em uma instituição pública – como a liberação ágil de carro para as externas, por exemplo -, a dificuldade de firmar uma periodicidade na exibição, o recesso acadêmico, o treinamento de mão-de-obra etc. Mas os resultados positivos começam também a surgir. Tem-se formado profissionais para o mercado de trabalho – uma vez que vários bolsistas treinados na TV UESC foram trabalhar em TVs comerciais – e começa-se a conquistar espaço no *campus*, a chamar a atenção dos olhares que circulam pela Universidade. A proposta, desde o início, foi romper com o formato padrão de telejornalismo, que se considera excessivamente formal e rígido. Além disso, sendo a academia o espaço para experimentações, entende-se uma TV universitária como lugar adequado para isso. Restava saber até que ponto a produção estaria ou não agradando ao público-alvo. Não bastavam os elogios de corredores ou as críticas isoladas.

Para isso, iniciou-se o processo, ainda de forma preliminar. Mas já é possível ter um guia. Nos dias 23 e 24 de maio de 2007, foram ouvidas 48 pessoas, de 25 a 47 anos de idade, de ambos os sexos. Uma amostra formada por telespectadores que assistiam às exibições. A maioria – 40 pessoas – é de alunos da UESC, além de um professor, dois servidores e cinco visitantes.

Inicialmente, foram questionados sobre o nome do programa ao qual estavam assistindo. Apenas seis responderam *Universus*; 28 não sabiam e o restante não conseguiu acertar. Isso mostra que é necessário uma aproximação maior do público e a criação de rotinas de exibição – este último problema foi identificado pela equipe da TV UESC e espera-se que, com a transmissão efetivamente em circuito interno, a audiência seja ampliada, como reflexo da melhoria das transmissões.

Questionou-se também sobre a pertinência dos assuntos abordados pelo programa. A maioria dos telespectadores acredita que a TV UESC está no caminho certo: 32 entrevistados disseram que os temas são bons e quatro ressaltaram que são ótimos. Apenas duas pessoas assinalaram “ruim” e 12 optaram por “razoável”. Com relação à forma como os assuntos são tratados, uma pessoa afirmou não gostar, 11 disseram que é razoável, sete que é ótima e 30 que é boa. Entende-se que a linguagem adotada pelo programa *Universus* rompe com o formato telejornalístico ao qual o público está acostumado, e com o qual o olhar deste telespectador foi adestrado. É preciso, primeiro, criar empatia, educar o olhar para o novo.

Perguntou-se aos entrevistados se destacariam algum quadro. Se 37 disseram que não, 11 afirmaram se interessar por *Eureka*, *Varal*, *Entre Aspas*. Além destes, citaram quadros como: “Trilha Sonora” (imaginamos que seja o *Varal*), “situação econômica do aluno” (deve ser o *Trampo*) e uma entrevistada ainda escreveu “que todos os quadros têm sua importância”. Entende-se que em tão pouco tempo de exibição e com tantas adversidades encontradas, se está conseguindo a compreensão do público – compreensão relacionada aos processos de produção dentro de uma universidade e entendimento/aceitação da linguagem, mesmo que aos poucos.

Como intrigava a questão de romper com a linguagem padrão do telejornalismo, perguntou-se aos entrevistados se eles consideravam o *Universus* um telejornal. 42% disseram que mais ou menos, 29% que não e os outros 29% que sim (cf. Tabela 01).

Tabela 01 - Opinião da Amostra sobre a Possibilidade de o Programa *Universus* ser um Telejornal

	N	%
SIM	14	29
NÃO	14	29
MAIS OU MENOS	20	42
TOTAL DE ENTREVISTADOS	48	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Questionou-se também sobre a preferência de assistir à TV UESC ou às TVs abertas. Do total de entrevistados, 69% afirmaram preferir a TV aberta – acredita-se que por razões óbvias, por toda a problemática já explicitada anteriormente. Um problema causado por elementos que vão desde a falta de certeza da periodicidade e falhas na exibição até a falta mesmo de proximidade estética com a linguagem proposta. Mas, em compensação, 31% das pessoas ouvidas já começam a preferir a TV UESC (cf. Tabela 02). Não que a proposta seja competir – até mesmo porque os objetivos das duas vertentes são completamente díspares. Mas se pretende, sim, educar para esse novo olhar sobre o meio, sobre a notícia.

Tabela 02 – Preferência da Amostra entre a TV UESC e as TVs Abertas

	N	%
TV UESC	15	31
TV ABERTA	33	69
TOTAL DE ENTREVISTADOS	48	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Sobre as razões para a preferência, 69% afirmaram preferir a TV UESC em razão do conteúdo exibido e da linguagem diferenciada adotada. Os que se referiram à TV aberta (15%) dizem que a escolha está associada apenas ao conteúdo da mesma (cf. Tabela 03). As respostas sinalizam para o mesmo caminho, o da necessidade de identificação dos valores-notícia para a comunidade acadêmica e a dificuldade inicial de abordar temas factuais, como faz o telejornalismo das emissoras comerciais. Chama a atenção o fato de que mesmo os que não preferiram a TV UESC tabela 03, destacarem o gosto pelo conteúdo e pela linguagem adotados por esta.

Tabela 03 – Razões para a preferência por TV aberta ou pela TV UESC

		N	%
TV ABERTA	CONTEÚDO	15	31
TV UESC	CONTEÚDO E LINGUAGEM DIFERENCIADA	33	69
TOTAL DE ENTREVISTADOS		48	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Uma questão unânime entre todos os entrevistados, e que obriga ainda a sistematização da transmissão, são as reclamações acerca da periodicidade da exibição. É interessante salientar a resposta de uma das entrevistadas, aluna da UESC, sobre a proposta da TV universitária: “É mais um meio de ficarmos por dentro não só do que ocorre lá fora, mas também dentro da instituição”.

Considerações finais

Entende-se, como Leal Filho (2006), que a televisão mudou, que desde sua chegada ao Brasil nunca foi tão discutida pela sociedade e que, só assim, pode-se construir uma programação cidadã, sem encarar o veículo de forma catastrófica, apocalíptica, para lembrar Umberto Eco em “Apocalípticos e integrados”.

Reconhece-se que há uma longa trajetória pela frente, para a efetivação do Projeto TV UESC como realmente uma TV Universitária, com uma programação que atenda aos interesses da comunidade acadêmica e que contribua para o desenvolvimento regional e para a formação de cidadãos. Nesse processo, apresenta-se uma nova composição para o telejornalismo, em que as personagens têm direito a falar completando seus raciocínios, sem o limite dos segundos, onde a escolha do conteúdo não é cerceada por patrocinadores, nem a grade de programação é limitada por horários comerciais.

Acredita-se em uma televisão – e em um telejornalismo – livre de amarras, servindo como espaço para a produção de conhecimento, para a divulgação de ideias e ideais positivos. Os limites para a experimentação e para a busca de novas linguagens vão até onde os estudos da comunicação permitirem. Sempre com compromisso ético, alunos e professores seguem em busca da aproximação com os fatos – e levando a notícia aos telespectadores, mas respeitando as necessidades de reflexão.

Referências

- BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação / Educação: aproximações. In: BUCCI, Eugênio (et alli). **A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2000.
- BARROS, Laan Mendes de. Comunicação e Educação numa perspectiva plural e dialética. Nexos - **Revista de Estudos de Comunicação e Educação**. Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, Ano 1. n. 1 – 2º semestre, 1997, p. 19-38.
- BENTES, Ivana. A universidade concorre com a mídia. **Revista Lumina**, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (Facom/UFJF) - v. 1, n. 1, p. 77-84, jul./dez. 1998.
- DALLARI, **Direitos Humanos e Cidadania**. São Paulo: Moderna, 1998.
- DUARTE, Elisabeth Bastos. **Televisão: ensaios metodológicos**. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- LEAL FILHO, Laurindo Lalo. **A TV sob controle: a resposta da sociedade ao poder da televisão**. São Paulo: Summus, 2006.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela)TV**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100011&lng=es&nrm=iso/&tlng=pt#back6. Acesso em: 13 abr. 2007.
- MACHADO, Arlindo. **A Televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.
- PENA, Felipe. As salsichas da TV universitária: Uma discussão sobre estética, pluralidade e cidadania. In: **Televisão e Sociedade – do Big Brother à TV universitária**. Rio de Janeiro: 7 Letras Ed., 2002.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transacional**. Florianópolis: Insular, 2005.